

**MILY LACOMBE &
PAOLA LINS DE OLIVEIRA**



FEMINISMO PARA NÃO FEMINISTAS

**como o machismo
machuca
todo mundo**

**MILY LACOMBE &
PAOLA LINS DE OLIVEIRA**



FEMINISMO PARA NÃO FEMINISTAS

**como o machismo
machuca
todo mundo**



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Milly Lacombe e Paola Lins de Oliveira, 2024

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024

Todos os direitos reservados.

Preparação: Valquíria Matioli

Revisão: Paula Hercy Cardoso Craveiro e Ana Laura Valerio

Projeto gráfico e diagramação: Renata Zucchini

Capa: Fernanda Mello

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Lacombe, Milly

Feminismo para não feministas / Milly Lacombe, Paola Lins de
Oliveira. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
160 p.

ISBN 978-85-422-2934-9

1. Feminismo I. Título II. Oliveira, Paola Lins de

24-4779

CDD 305.409

Índice para catálogo sistemático:

1. Feminismo



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

CAPÍTULO 1: PAPÉIS DE GÊNERO

Achamos importante começar essa história falando sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. Neste capítulo, abordaremos o que é o regime binário da diferença sexual e trataremos das coisas das quais homens abrem mão para se tornarem homens. Também falaremos de como o movimento LGBTQIAPN+ pode ajudar homens heterossexuais e explicar alguns dos conceitos básicos usados atualmente para melhor entender as ferramentas do feminismo.

Vamos começar pelo começo, tentando responder à seguinte pergunta: *O que é ser um homem na sociedade dentro da qual existimos?*

Existem regras claras que fazem com que um homem seja considerado um homem.

Ser viril é uma delas. Ficar com muitas mulheres é outra. Mas temos mais. Vamos listar algumas:

- Não se deixar atravessar por emoções.
- Carregar o mundo nas costas.
- Arrumar uma mulher para constituir família.
- Prover.
- Sustentar o pênis ereto a despeito de qualquer problema.
- Penetrar e jamais ser penetrado.

Temos certeza de que você pode pensar em muitas mais. Mas vamos deixar assim por enquanto.

E o que é ser mulher nessa sociedade dentro da qual existimos?

É ser doce. É se guardar para o casamento ou, na pior das hipóteses, ficar com poucos homens até encontrar aquele para chamar de seu. É demonstrar fragilidade. É arrumar um marido, ter filhos e cuidar da casa com esmero. É se manter magra e atraente, segundo os padrões sociais hegemônicos. Não falar alto, não reclamar e não ocupar muito espaço: se sentar com as pernas fechadas, usar roupas justas e saltos altos que acabam limitando nossa mobilidade e, portanto, colaborando para que não ocupemos muito espaço e não andemos muito rápido.

Esses são destinos construídos a partir do momento em que um médico diz, dentro da sala de parto: é menino ou é menina. É nesse instante em que as cores rosa ou azul entram em nossas vidas e, ao lado delas, todos os valores associados aos gêneros mencionados anteriormente. Nossos destinos são mesmo traçados na maternidade.

Ou até mesmo antes, quando mães e pais produzem os hoje famosos chás de revelação. Sob o argumento de apresentar o sexo do bebê para a família e os amigos, esses rituais espetacularizam a atribuição de gênero segundo a regra do binarismo materializado na decoração azul-menino e rosa-menina. **Desde antes de nascer, a gente é levado a acreditar que existem apenas duas possibilidades sexuais: homem ou mulher.**

O que não nos contam é que há quase tantas crianças intersexuais – que nascem com órgãos sexuais que podem ser classificados simultaneamente como femininos e masculinos – quanto crianças ruivas, por exemplo. A estimativa

a respeito do número de pessoas intersexuais no mundo é do Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU): até 1,7% da população mundial é intersexo – o que pode significar até 3,5 milhões de pessoas apenas no Brasil. E o percentual de ruivos e de ruivas no mundo não passa de 2%.²

O que não contam é que, ainda na maternidade, essas crianças passam por adaptações, algumas bastante violentas, para que possam fazer parte de um dos dois sexos socialmente aceitáveis.

A advogada estadunidense Kimberly Zieselman nasceu com um par de cromossomos XY relacionados ao desenvolvimento de aparência masculina.³ Em vez de ovários e útero, ela tinha testículos internos. Mas, por causa da falta de um pênis, foi criada como menina e, aos 15 anos, levada pelos pais ao médico. Eles queriam saber por que a filha não menstruava.

O médico, em vez de falar a verdade, disse que ela precisaria remover ovários e útero porque uma má formação genética conferia a ela alto risco cancerígeno. Diante desse diagnóstico, os pais, claro, autorizaram que o doutor removesse os órgãos femininos que poderiam causar tantos problemas. Mas o que foi removido foram seus testículos, já que ela não tinha nem ovários nem útero.

² INTERSEXO: entenda o termo que foi pela primeira vez reconhecido em um registro civil no Brasil. [s. l.], *GI*, 10 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2024/03/10/entenda-intersexo.ghtml>. Acesso em: 23 ago. 2024.

³ CORRÊA, Alessandra. Crianças intersexuais precisam ser operadas ainda bebês? A polêmica discussão nos EUA. *BBC News Brasil*. Winston-Salem (EUA), 1º fev. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51274707>. Acesso em: 23 ago. 2024.

Em seguida, ainda adolescente, ela foi submetida a um tratamento hormonal que tinha o objetivo de encaixá-la a uma aparência mais adequada às características consideradas femininas. Tudo isso foi feito sem que a família ou a própria Kimberly soubessem o verdadeiro motivo.

Os médicos diziam que era uma condição raríssima e que talvez só ela no mundo fosse assim. Kimberly só soube que era intersexo muito tempo depois e, desde então, é ativista de pessoas intersexuais.

Ou seja, estima-se que uma parte significativa da população mundial nasça com cromossomos, órgãos genitais ou órgãos reprodutores que não se encaixam totalmente na definição de feminino ou masculino.

Kimberly luta para que cirurgias desnecessárias não sejam feitas em bebês e para que seja dado a essas pessoas o direito de decidir quem desejam ser e se querem passar por cirurgias quando tiverem idade para compreender a situação.

São quase vinte diferentes condições que podem ser chamadas “intersexuais”. Algumas delas são:

- Bebês que nascem com genitália que não é claramente pênis nem vagina.
- Bebês que nascem com genitais de aparência definida, mas que não combinam com os órgãos reprodutores internos.
- Bebês com genitais masculinos e ovários.
- Bebês que desenvolvem ovários e testículos.
- Bebês que têm uma combinação de cromossomos diferente de XY (masculino) ou XX (feminino).
- Entre vários outros casos.

Há situações mais dramáticas em que bebês intersexuais podem precisar de cirurgia de emergência para, por exemplo, conseguir urinar. Mas, em outros casos, é discutida com os pais a possibilidade de cirurgia pós-parto com o objetivo de tornar a anatomia compatível com o padrão masculino ou feminino.

Os pais escolhem o que a criança vai ser e como vai ser criada, e muitas delas crescem como meninos ou meninas sem jamais saber da verdade.

Ativistas como Kimberly argumentam que as cirurgias essencialmente estéticas feitas em crianças intersexuais por médicos desesperados por inseri-las em um regime binário de diferença sexual podem causar uma infinidade de problemas futuros – clínicos e emocionais. A intenção é naturalizar uma condição que está longe de ser rara.

Mas pera lá: o que seria esse regime binário da diferença sexual?

O REGIME BINÁRIO DA DIFERENÇA SEXUAL É AQUELE QUE ESTABELECE QUE SÓ HÁ AS OPÇÕES DE SER HOMEM OU MULHER, DEFINIDAS POR UM HOMEM DETENTOR DE UM PÊNIS OU UMA MULHER DETENTORA DE UMA VAGINA, E QUE, A PARTIR DESSAS MARCAS, DEVE-SE CONSIDERAR TODA A CARTILHA DE CÓDIGOS PARA QUE A CRIANÇA SEJA SOCIALIZADA COMO UM OU COMO OUTRA – SEGUINDO SEMPRE A DOCTRINAÇÃO DOS SIGNOS SOCIALMENTE ESTABELECIDOS COMO FEMININOS OU MASCULINOS.

Nós trazemos todo esse cenário para mostrar que, uma vez classificadas como menino ou menina, essas crianças

intersexuais são criadas como tal e, nesse processo, acabam introjetadas com os valores descritos no começo deste capítulo: viris ou dóceis; penetráveis ou não penetráveis; emotivas ou razoáveis; cuidadoras ou provedoras.

E tudo começa com a escolha de um médico, da mãe e/ou do pai. O resto a sociedade faz.

Como nos ensina o filósofo transexual Paul B. Preciado, essa escolha tem um forte caráter de arbitrariedade, porque ela é baseada em critérios subjetivos que tentam medir o quanto a genitália em questão está mais ou menos próxima de uma “ordem visual” do que seria um corpo humano feminino ou masculino.⁴

Tamanho, proporção e mesmo as formas de órgãos variam muito mais na realidade do que nossa imaginação sobre pênis e vaginas é capaz de conceber. Por isso, Preciado descreve o momento do nascimento não como um momento de revelação de um sexo, mas de *produção de um sexo*. Para ele, “masculino e feminino são termos sem conteúdo empírico para além das tecnologias que os produzem”.⁵

Sua visão pode parecer radical para os que se apegam a evidências biológicas para afirmar que masculino e feminino existem como realidades verificáveis, mas ele também aciona muitos dados científicos para mostrar que não é bem assim. A variação das formas e as intervenções médicas de adequação a um padrão estabelecido são muito mais frequentes do que meras exceções.

Não é só a genética, não é só o órgão sexual e não é só a composição hormonal que vão determinar um

⁴ PRECIADO, Paul B. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018. p. 110-111.

⁵ *Ibidem*, p. 110.

comportamento dito masculino ou feminino. A criança vai ser socializada e adquirir a capacidade de chorar em público ou segurar o choro, porque alguém apontou o dedo para ela e disse: é menina ou é menino.

Esses elementos não determinam o comportamento porque eles não existem de uma forma objetiva e fechada. Eles possuem variações. Além disso, é importante destacar que diferentes sociedades no mundo distribuem de modos variados atributos que consideramos de homem ou de mulher.

Em um estudo considerado clássico nas ciências humanas,⁶ realizado nos anos de 1930, a antropóloga Margaret Mead analisou as personalidades atribuídas a homens e mulheres em três sociedades da região do Rio Sepik, em Papua-Nova Guiné: os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli, hoje denominados Chambri. Ela encontrou homens e mulheres gentis, empáticos, cooperativos e pacíficos entre os Arapesh. O cotidiano deles era tranquilo, com poucos conflitos e bastante investimento de atenção e cuidado na educação dos filhos e filhas tanto por mulheres quanto por homens. Entre os Mundugumor se passava o inverso: homens e mulheres eram agressivos, violentos, hostis. A guerra e os conflitos faziam parte do dia a dia. Já os Tchambuli (Chambri) marcavam uma diferença importante entre homens e mulheres: enquanto estas eram protagonistas poderosas da vida social, encarregadas de obter o alimento, responsáveis pela economia local e pela produção de riqueza, aqueles eram sensíveis e frágeis, dedicados à estética e à arte.

⁶ MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. Trad. de Rosa R. Krausz. São Paulo: Perspectiva, 2020.

Nas décadas seguintes, as conclusões de Mead foram criticadas em alguns pontos, mas sua análise não perdeu destaque como uma das reflexões pioneiras contestando a visão naturalizada das características psicológicas femininas e masculinas.⁷ Se diferentes sociedades apresentavam diversos modos de ser e se sentir homem ou mulher (e até mesmo de ser “inadaptado” a essa divisão), não era possível defender a existência de personalidades e atribuições naturalmente femininas e masculinas. Para Mead, esses modos de ser e sentir masculino ou feminino correspondiam a padrões socio-culturais aprendidos dos mais velhos e ensinados aos mais novos, passando de geração em geração. Ao concluir que a cultura, e não a natureza, molda os diferentes comportamentos humanos, a antropóloga reforça que ela também constrói a diferenciação de temperamentos e atitudes entre os sexos.

Por essa trilha, podemos começar a entender que alguém classificado como mulher não vem ao mundo para cuidar, do mesmo modo que alguém classificado como homem não vem ao mundo para prover. Somos fabricados e fabricadas para agir de uma forma ou de outra.

Estabelecemos, até aqui, que vivemos num mundo pautado pelo regime da diferença sexual, um regime fictício criado em uma época muito específica para finalidades muito objetivas e que causa muita dor a tanta gente. Vimos que esse regime, que dita regras claras e rígidas a respeito do que é ser homem e do que é ser

⁷ Para mais detalhes sobre as críticas recebidas pela obra *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas*, de 1935, visite: <https://ea.fflch.usp.br/obra/sexo-e-temperamento-em-tres-sociedades-primitivas>.

mulher neste mundo, é um dispositivo político no qual somos inscritos e inscritas desde que nascemos, e sem que precisemos consentir.

Ao fim desta leitura, se tudo der certo, chegaremos juntos à conclusão de que o regime binário da diferença sexual oprime mulheres, e também homens, além de pessoas que não se identificam com nenhum dos dois gêneros.

E, então, nós perguntaríamos a você que lê este livro e é homem: quanto te custa ser um?

Começaríamos dizendo que, mesmo para os mais desconstruídos, a conta é alta demais, porque existe uma exaustão que chega com a luta diária para se livrar de símbolos, signos e expressões da masculinidade. Uma luta da qual você é jogado para fora quando está com os amigos, quando assiste a um jogo no estádio ou no bar, quando está no escritório, quando está na igreja, na universidade.

Quanto custa ser homem nessa sociedade do regime binário da diferença sexual? Quanto custa engolir o choro? Não ir ao médico? Não examinar a próstata? Ser o provedor a qualquer custo? Sustentar o pênis ereto mesmo quando a vida te inundou de tristeza? Não poder pedir ajuda?

Custa coisas como sua saúde mental e física.

Custa se entregar a entorpecentes como o álcool. Um estudo⁸ publicado no Boletim do Instituto de Saúde (BIS) mostra que 80% dos internados por alcoolismo no estado de São Paulo são homens.

⁸ Fonte: SAÚDE DO HOMEM NO SUS. *Boletim do Instituto de Saúde*, v. 14, n. 1, ago. 2012. Disponível em: https://issuu.com/institutode-saude/docs/bis_volume_14_-_n_mero_1_-_agosto_de_2012?mode=window. Acesso em: 23 ago. 2024.

Custa uma solidão profunda. Custa o limite do campo do prazer. Custa a sua própria vida: de acordo com dados do Ministério da Saúde de 2022, homens se matam quatro vezes mais que mulheres.⁹ Diríamos que é uma conta demasiadamente alta.

E temos aqui um bom motivo para incluir os homens na luta feminista, já que o objetivo dela é emancipar você, caro leitor, assim como seus amigos, seus conhecidos e todo mundo.

É verdade que o regime binário da diferença sexual consegue doutrinar a maior parte das pessoas, mas existem aquelas que rejeitam seu conjunto de regras e de normas.

Há crianças que, desde muito cedo, não conseguem se encaixar. Eu não sou isso, e também não sou aquilo. O que sou eu então?

Crianças assim trafegam por ruas muito desertas e estreitas e, não raro, de tão marginalizadas que são, pensam em se matar.

O regime da diferença sexual opera sobre essas crianças rapidamente. Família, escola, igrejas, Estado: todos entram no jogo para doutrinar, disciplinar, adestrar, domesticar, punir quem ousa tentar escapar da cartilha de comportamentos aceitáveis para homens e mulheres.

Este livro foi escrito por duas autoras com experiências distintas de vida. Vamos usar aqui o depoimento pessoal de uma delas.

⁹ KNOBLAUCH, Gabriela. Homens estão entre as principais vítimas de suicídio. [s. l.], ALES, 21 set. 2022. Disponível em: <https://www.al.es.gov.br/Noticia/2022/09/43634/homens-estao-entre-as-principais-vitimas-de-suicidio.html>. Acesso em: 23 ago. 2024.